Como os eclesiásticos receberam o Segredo?

A autenticidade da Aparição e o segredo de Mélânie aprovados pela Igreja.

A Igreja realmente se pronunciou sobre a origem divina do Segredo de La Salette, autorizou sua divulgação e recomendou seus ensinamentos. Eis como e em quais circunstâncias.

Monsenhor De Bruillard, bispo de Grenoble em 1846, realizou uma longa, rigorosa e minuciosa investigação canônica sobre o fato da Aparição, mas dado que os Segredos dos pastores faziam parte integrante dela (este é um dado histórico que apenas a má-fé contesta a partir de 1875) e que eles poderiam ser decisivos para a causa, e antes de declarar a Aparição autêntica, suspendeu seu julgamento à opinião do Papa Pio IX, ao qual enviou os Segredos redigidos por Maximin e Mélânie. Previamente, ele havia tomado a precaução de ler os textos para não submeter ao Papa algo inconveniente ou indigno dele. A resposta veio de Roma no final de agosto de 1851, trazida pelo abade Rousselot, o enviado de Monsenhor de Bruillard:

> "Nada, nos segredos lidos pelo Papa Pio IX e comunicados por ele ao Prefeito da Congregação dos Ritos, o cardeal Lambruschini, Secretário de Estado, se opõe a que o bispo diocesano não profira seu julgamento". ("O fato de La Salette", Louis Bassette, ed. du Cerf, 1955).

O projeto do Julgamento Doutrinário de Reconhecimento foi enviado ao Prefeito dos Ritos, que respondeu ao cânon Rousselot com uma espécie de "Nihil obstat" que J. Stern resume assim: "Ele leu o Mandamento "muito atentamente". Em sua opinião, o bispo de Grenoble observou "as regras da santa Igreja".

A leitura "não deixou nada a desejar" ao Cardeal, especialmente pelo exame do evento que foi conduzido com edificante e totalmente louvável rigor" (La Salette, Documentos Autênticos, Maio 1849-Nov. 1854, ed. du Cerf, 1984, Paris).

Assim encorajado pelo próprio Papa Pio IX, que tomou conhecimento do caso, a reconhecer a Aparição, e pela autoridade competente, Monsenhor de Bruillard publicou em 19 de setembro

seguinte seu Mandamento pelo qual declarava "indubitável e certa" a Aparição de La Salette e na qual ele especificava:

> "Assim caiu a última objeção que se fazia contra a Aparição, a saber, que não havia segredo, ou que este segredo não tinha importância, era mesmo pueril, e que as crianças não queriam dá-lo a conhecer à Igreja". (Basset, op. cit.).

Entre 1871 e 1874, o Senhor Girard publicou várias obras contendo o Segredo com explicações e a defesa da reputação dos Pastores. Para três dessas obras, ele recebeu, por sua vez, a bênção autógrafa do Papa Pio IX.

Em 3 de dezembro de 1878, durante uma longa e emocionante audiência, houve um diálogo memorável entre Leão XIII e Mélanie. O Papa lhe ordenou que fosse a La Salette para difundir sua mensagem e fundar a Ordem da Mãe de Deus; isso não aconteceu devido à revolta aberta de Monsenhor Fava. O Sumo Pontífice também ordenou a Mélanie que escrevesse a Regra da Ordem dos Apóstolos dos Últimos Tempos e as Constituições, o que ela fez. A Regra dada pela Santa Virgem segue o Segredo.

Em outra ocasião, no Sábado Santo do ano de 1880, Leão XIII declarou ao cardeal Ferrieri e ao R.P. Fusco a respeito do Segredo que eles acabavam de entregar-lhe:

> "Este documento deve ser publicado",

e ordenou ao advogado Amédée Nicolas "redigir um folheto explicativo do Segredo inteiro para que o público o compreenda bem".

Além disso, o relato da Aparição, incluindo o Segredo, redigido por Melânia, recebeu o Imprimatur de Monsenhor Sofrza, de Monsenhor Zola, do R.P. Lepidi, Assistente Perpétuo do Santo Ofício.

A Oposição ao Segredo.

Santo Agostinho : « A verdade agrada a todos, só nos desagrada quando nos repreende ».

O Caso Caterini:

O bispo de Troyes, Monsenhor Cortet, que se opôs à publicação do Segredo de Mélanie em 1879 (com imprimatur de Monsenhor Sforza e de Monsenhor Zola), recorreu ao Índex em 1880, e teve seu pedido negado, sendo encaminhado para a Inquisição. Ele então ameaçou Roma de retirar o dinheiro de São Pedro se nada fosse feito em seu favor. Além disso, uma dúzia de bispos franceses, e não os menos importantes, ferrenhos adversários de Mélanie e do Segredo, ameaçava fazer um

cisma. Foi então que o Cardeal **Caterini**, secretário da Inquisição, escreveu uma carta (datada de 14 de agosto de 1880) destinada a aplacar a violência da oposição (ele mesmo admitirá ter escrito "forçado pelas circunstâncias"). Aqui está o seu conteúdo:

> "Os Eminentíssimos Cardeais juntamente comigo, Inquisidores da fé, me encarregaram de responder que o Santo Sé viu com desagrado a publicação deste opúsculo (o Segredo com imprimatur. NdaR.) e que sua vontade é que os exemplares já distribuídos sejam, tanto quanto possível, retirados das mãos dos fiéis, se (o Segredo) causa tumulto na França, mas **mantenha-os nas mãos do clero para que possam se beneficiar dele**".

À recepção desta carta, Monsenhor Cortet ficou aterrorizado porque, após ter dito para retirar o opúsculo das mãos dos fiéis, o cardeal Caterini acrescentava: «**mas mantenha-o nas mãos do clero para que ele se beneficie**». Esta linha, por si só, provava a origem divina do Segredo; pois não se mantém, mesmo para o bem, nas mãos dos sacerdotes um opúsculo que não seria mais que um panfleto. Não ousando publicar esta carta, o bispo de Troyes a enviou ao seu colega de Nîmes, Monsenhor Besson, que não se importou com tão pouco: ele suprimou a linha incômoda, substituiu-a por uma linha pontilhada e publicou primeiro este documento que não era dirigido a ele, na Semana Religiosa de Nîmes, com sua engenhosa linha pontilhada e algumas liberdades de tradução destinadas a agravar o alcance [2]. Outras dioceses imitaram sem vergonha essa fraude.

Os bispos conjurados contra o segredo de La Salette eram numerosos. Existia na corte pontifícia um partido poderoso, que não recuava diante de nenhuma audácia em sua hostilidade ao Segredo de La Salette. Na França, em 1915, eles eram chefiados pelos cardeais Luçon, arcebispo de Reims, de Cabrières, arcebispo de Nîmes, Amet, arcebispo de Paris, e Sevin, Primaz das Gálias. Sob o pretexto do Consistório, o cardeal de Cabrières foi a Roma para obter a condenação do segredo. No **23 de dezembro de 1915**, Monsenhor Sbaretti enviou de Roma um « decreto », nem mesmo assinado por ele que se dizia Assessor da Santa Sé, a Monsenhor Maurin, e no dia 6 de janeiro de 1916, a Semana Religiosa de Grenoble publicou este decreto anônimo e não aprovado pelo papa, como é obrigatório. Este decreto « *ordena a todos os fiéis, de qualquer país a que pertençam, que se abstenham de tratar e discutir o assunto em questão sob qualquer pretexto e sob qualquer forma que seja...* ». O decreto visava, sob o pretenso cuidado de apaziguar, mas isso era apenas um pretexto, não o conteúdo do Segredo, mas os comentários arriscados e inusitados que haviam sido feitos, por « amigos » conhecidos por sua imprudência, até mesmo seu zelo imoderado (por exemplo, o Padre Parent) ou por detratores pouco escrupulosos que alimentavam a violência da polêmica (por exemplo, o abade Nortet, missionário apostólico da diocese de Grenoble).

Ora, este decreto não indica a data da reunião da Santa Sé; não menciona a aprovação do Papa, o que é indispensável; deve ser assinado pelo secretário da Santa Sé, o cardeal Merry del Val, e por um bispo assessor, o que não é o caso; portanto, ele viola todas as regras eclesiásticas. Este decreto praticamente anônimo poderia proibir a divulgação do Segredo aprovado por Pio IX, Leão XIII, São Pio X, e revestido da aprovação e do imprimatur do cardeal-arcebispo de Nápoles, Monsenhor Sforza, assim como do bispo de Lecce, Monsenhor Zola? (a quem são atribuídos vários milagres e cujo corpo foi encontrado em perfeito estado de conservação vários anos após seu

sepultamento).

É impossível: Bento XV, que reinava em 1915, não podia condenar o Segredo de La Salette, porque, se o tivesse condenado:

1. Ele teria incriminado Pio IX, que encorajou o Ordinário do Local a reconhecer « indubitável e certa » toda a Aparição, sem excluir o Segredo de Mélanie, como uma Mensagem celestial, ao reconhecer esse segredo que não seria mais do que um libelo, obra do demônio;
2. Ele teria minado assim, desde a base, toda a Aparição cuja adoração foi autorizada por Pio IX: pois, se o Segredo de La Salette, « parte integrante, conexa do fato sobrenatural », segundo o vigário geral de Grenoble, Giray, inimigo virulento do Segredo, é uma ilusão ou uma sugestão do demônio, o mesmo deve necessariamente se aplicar ao restante da Aparição;
3. Ele teria convencido Léon XIII e São Pio X de cumplicidade nessa impostura, já que, durante 43 anos, esses papas haviam dado seu assentimento à propagação desse Segredo.

Notemos bem toda a astúcia dos cardeais! O Soberano Pontífice é o único qualificado para proibir o Segredo de La Salette. O decreto anônimo não usa a palavra « *condenação* », mas « proíbe a qualquer um, sob pena de excomunhão, *de tratar e de discutir* a questão do Segredo de La Salette ». Na falta de poder para condenar o Segredo, esforça-se para enterrá-lo vivo.

Notemos também quanto o Santo Ofício manifesta (já!) uma forma acentuada de independência em relação à autoridade soberana do Vigário de Cristo.

Além disso, as coisas não pararam por aí. Uma verdadeira oportunidade surgiu alguns anos depois para o partido muito ativo e bem estruturado dos inimigos de La Salette.

No **10 de maio de 1923**, um segundo decreto do Santo Ofício « proscreve e condena o opúsculo *A Aparição da Santíssima Virgem sobre a Montanha de La Salette, de 19 de setembro de 1845* ».

No entanto, no ano anterior (1922), foi reeditado o texto de Mélanie examinado pelo Index e publicado em 1879 com o imprimatur de Monsenhor Zola; o P. Lepidi, assistente perpétuo do Index, havia acrescentado seu imprimatur e esta menção incomum: « estas páginas foram escritas para a pura verdade » (Brochura dita Lepidi publicada em 1922).

Na realidade, não foi esse texto que o Santo Ofício teve em mãos, mas uma brochura falsificada pelo Dr. Grémillon (alias Mariavé), que havia colado, ao lado do Segredo, um texto contendo absurdos sobre a Igreja e que ele havia enviado por centenas a eclesiásticos de todas as ordens e lugares. A reunião do Santo Ofício ocorreu na ausência do P. Lepidi, doente, que foi colocado diante do fato consumado. O decreto foi publicado nos « *Acta Apostolicæ Sedis* » (Atos da Santa Sé) com um estranho erro de data: 1845 em vez de 1846, e um título truncado em dois terços.

Eis o que há sobre esta terceira condenação, que não foi mais do que a anterior a conclusão de um julgamento canônico apenas do conteúdo do Segredo. Em 1936, Monsenhor Natucci, Promotor da Fé na Sagrada Congregação dos Ritos, confirmará que o Segredo publicado por Mélanie, não

contendo visivelmente nada que fosse contrário à Fé ou à Moral, não estava condenado (segundo uma carta do P. Sorrel, capelão de La Salette, ao cônego Million, antigo capelão do peregrinamento).

Era com uma aparência de justificação e de legalidade que os decretos de 1915 e 1923 pesavam sobre a consciência dos fiéis; hoje, conhecemos a intriga e o abuso de poder aos quais devem sua existência.

O que aconteceu desde o Vaticano deles?

No momento do « concílio » Vaticano deles, os bispos colocaram a Santíssima Virgem Maria para fora [3]. A sanção foi terrível: como Nossa Senhora nos anunciou (veremos mais adiante), a Santa Igreja foi eclipsada e os bandidos eclesiásticos abandonaram o púlpito da Verdade para assumir as rédeas de uma nova igreja conciliar. É bem evidente que, na igreja conciliar, não se fala mais nada do Segredo confiado pela Santíssima Virgem a Mélanie. Não se vai, afinal, dar um tiro no próprio pé.

Alguns clérigos tiveram a coragem de resistir a essa apostasia. Mas, mais uma vez, sem devolver à Santíssima Virgem seu papel primordial. A maioria ignora soberanamente o Segredo de Mélanie, e alguns até retomam, por interesse, a posição de oponente ao Segredo (afinal: « colocamos a verdade onde estão nossos interesses »). É o caso, em particular, do abade Ricossa do Instituto Mater Boni Consilii (IMBC).

Em 1999, traindo Monsenhor Guérard, que era um grande devoto de La Salette [4], **o abade Ricossa** (Sodalitium, nº 48 e 52), extrapola essa condenação do Segredo a partir de uma carta escrita em 1957 pelo **Cardeal Pizzardo**. O abade Ricossa afirma (talvez para dar autoridade à sua demonstração) que esse cardeal não é « nem modernista, nem liberal ». Em sua carta, o referido cardeal afirma que o opúsculo contendo o segredo « foi examinado e condenado » em 1923 « **mesmo sem** a carta do Doutor Mariavé ».

Mas essa carta privada não prova nada, a não ser que esse Cardeal estava sob a influência do partido de oposição ao Segredo e talvez ele próprio um opositor declarado. De fato, se essa carta do Cardeal Pizzardo tivesse sido emitida oficialmente e juridicamente por uma Sagrada Congregação após um julgamento canônico, ela teria sido o eco de um Decreto publicado nos Atos do Sagrado Pontificado. Esse não é o caso. Além disso, teria sido necessário que fossem publicamente e oficialmente desautorizados, de forma circunstanciada, Monsenhor Sforza, Monsenhor Zola e o P. Lepidi, por seus Imprimaturs, e os Papas Pio IX e Leão XIII, por suas altas aprovações e encorajamentos claros! É concebível, conveniente, que a Igreja possa se desdizer assim?

O abade Ricossa esforça-se, no entanto, para nos fazer acreditar que a carta do Cardeal Pizzardo é o resultado de um julgamento canônico do conteúdo do Segredo; ele finge acreditar que essa carta privada reflete pelo menos o pensamento oficioso da Igreja... porque o Cardeal não escreveu para não dizer nada. De fato!

O abade Ricossa também tenta nos fazer acreditar, através da carta do Cardeal Pizzardo, que:

1. O segredo foi condenado pelo decreto de 1923. No entanto, esse decreto, e o abade Ricossa o escreve ele mesmo no mesmo artigo de Sodalitium, « proibiu a posse e a leitura »... portanto, não condenou o conteúdo!
2. O decreto do Santo Ofício de 1923 trata do Segredo e não das adições intempestivas do Dr. Grémillon (Mariavé). Não é isso que significa a expressão « *mesmo sem* »?

Estranhamente, o abade Ricossa não reproduziu o decreto de 1915 no nº 52 de sua revista Sodalitium, como fez com o de 1923? Teria ele temido que o caráter duvidoso e anônimo do texto não tivesse escapado mesmo aos olhos do leitor menos atento?

A fraqueza de sua posição é manifesta pelo necessidade que ele tem de se apoiar em « várias cartas do cardeal Caterini - secretário do Santo Ofício - durante o ano de 1880 ». E, mais uma vez, apesar da segurança exibida, essa nova imprecisão trai ou a ignorância da questão ou a má-fé: duas cartas do Cardeal Caterini (a primeira, datada de 8 de agosto de 1880, destinada ao P. Archier, Superior geral dos Missionários de La Salette. Carta privada, portanto, sem qualquer valor canônico) e não « várias cartas », foram historicamente e fraudulentamente usadas pelos inimigos do Segredo, e já vimos o que se deve pensar sobre isso. Além disso, desde quando a correspondência pessoal de um cardeal tem força de lei em uma matéria reservada ao Papa?

Força é, portanto, constatar que, assim como a Fraternidade Sacerdotal São Pio X (FSSPX) adota todos os argumentos dos inimigos da infalibilidade pontifícia (Centuriadores de Magdeburgo, ...) para justificar suas posições heterodoxas, o abade Ricossa e o IMBC adotam os argumentos dos inimigos mais enfurecidos de La Salette e demonstram a mesma má-fé...[5]

Quanto a isso, a FSSPX evita cuidadosamente qualquer referência ao Segredo de Mélanie (o abade Ricossa observa - Sodalitium nº 52 - aliás « a discrição com a qual a Fraternidade ainda defende o “Segredo” »). Esse silêncio é muito oportuno: caso contrário, como poderia ela explicar a « seus » fiéis que está negociando um acordo com uma Roma que « perdeu a fé »?

Quanto ao abade Belmont, ele adota a mesma posição que o abade Ricossa e o IMBC. Sodalitium nº 52:

> « Nos alegramos por não sermos mais os únicos em nossa posição – que é a da Igreja – após os números 134 e 135 do boletim *Notre-Dame de la Sainte-Espérance*, onde o abade Belmont mais uma vez demonstrou seu apego ao ensino da Igreja e seu habitual equilíbrio ao tomar uma posição sobre a questão que compartilhamos inteiramente ».

Abade Belmont, Abade Ricossa, mesmo combate!

No fundo, ontem, como hoje, a Mãe de Deus pode falar... desde que Ela não diga nada e, acima de tudo, que Ela não contrarie os planos de alguns eclesiásticos.

Resposta do Céu:

O Céu respondeu aos eclesiásticos que se opuseram à mensagem de Mélanie. Muitos deles deram conta de sua oposição frontal à Santíssima Virgem. Citamos, por exemplo:

1. Monsenhor Ginoulhiac, bispo de Grenoble e sucessor de Monsenhor De Bruillard, foi o primeiro a perseguir Mélanie e Maximin a respeito de seus segredos. Ele esperava obter a favor do poder político e um arcebispado com um chapéu de cardeal, e para agradar ao imperador, declarou que a missão dos videntes estava terminada. Além disso, chamou Mélanie de louca. Ele morreu louco, brincando com bonecas e com suas fezes...
2. Monsenhor Fava, bispo de Grenoble e sucessor de Monsenhor Ginoulhiac, tentou impor sua regra de preferência àquela dada pela Santíssima Virgem a Mélanie. Ao inaugurar os escritórios de La Croix de L'Isère, ele instalou Nossa Senhora de Lourdes, ignorando novamente, dadas as circunstâncias, o favor que a Santíssima Virgem havia concedido à sua diocese. A noite foi alegre nos escritórios e ele se retirou tarde. No dia seguinte, foi encontrado morto no chão, despido, com os braços torcidos, as mãos cerradas, os olhos e o rosto expressando o terror de uma visão horrível.
3. O cardeal Perraud, querendo se apropriar de um legado do abade Ronjon a Mélanie, a processou na justiça civil, por uma disputa que competia ao tribunal eclesiástico e diante do qual ele sabia que não poderia obter vitória. Viu o governo tomar todos os bens de sua casa. E morreu alguns dias depois. Não lhe restou nem mesmo o túmulo que havia mandado fazer em Paray-le-Monial. Por ordem do prefeito, o cortejo, ao chegar, foi conduzido ao cemitério. Ele é praticamente o único bispo na França que não está enterrado em uma igreja.
4. Dom Guilbert, bispo de Amiens, opositor de La Salette, encontrava-se, em 9 de agosto de 1889, um pouco indisposto... Em 15 de agosto, foi deixado sozinho por um momento. Quando retornaram, viram, pelas marcas, que ele havia se agarrado ao tapete e aos móveis com desespero. Ele estava morto. Durante as pomposas exéquias, o pesado caixão rolou do alto do catafalco e caiu no chão com um barulho de trovão, ecoando sob as altas abóbadas da catedral. A multidão se retirou, aterrorizada, e não assistiu ao sepultamento, que ocorreu à noite.
5. O cardeal Meignan, arcebispo de Tours, inimigo declarado de La Salette, morreu subitamente durante a noite, embora na véspera estivesse com plena saúde.
6. Dom Darbois, arcebispo de Paris, não acreditava em La Salette. E durante duas horas, em 1866, fez o impossível para levar Maximin a declarar a falsidade da aparição...Cinco anos depois, em 18 de março de 1871, foi encarcerado na prisão de La Roquette. Em 24 de maio, caiu sob as balas... após ter feito reparação de honra a Nossa Senhora de La Salette.
7. O padre Henri Berthier, missionário de La Salette, cúmplice de Dom Fava, qualificava a regra da Santa Virgem (que o papa queria impor-lhes) como uma regra impraticável, que exige que os missionários sejam desprovidos de ambição sobre as menores coisas passageiras. Enviado para a Noruega para uma fundação, achou prático colocar os rolos de ouro que carregava em um cinto ao redor de si. Ele caiu na água e afundou rapidamente sob o peso do ouro.

8. Dom Henry, bispo de Grenoble, pregava aos peregrinos, em 14 de julho de 1907, e ousava felicitá-los por terem vindo nesse dia de festa de Nossa Senhora do Monte Carmelo. Ele os alertava contra o pretenso segredo de Mélanie, sob o pretexto de obter a aprovação de Roma para um ofício em honra de Nossa Senhora de La Salette, mas especialmente com o objetivo de obter o abafamento do segredo. Ele enviou o cônego Grespellier. Em 14 de julho de 1908, um ano depois, o cônego foi interrompido pela morte, no momento em que estava indo pegar seu chapéu para se dirigir à Sagrada Congregação. Em 14 de julho de 1911, quatro anos depois, Dom Henry, em seu leito de parade, aguardava seu enterro.
9. Dom Sevin, arcebispo de Lyon, foi um adversário ferrenho do segredo, mas seus esforços foram impotentes para fazê-lo ser incluído na lista negra. Ele foi vítima de morte súbita, e a decomposição acentuou-se, apesar do embalsamamento, a um ponto aterrorizante durante toda a duração da exposição sob o catafalco. O interior do corpo, relata o doutor Leclerc que assistiu à autópsia, já estava corroído por vermes.
10. O cardeal Amette, arcebispo de Paris (que anteriormente, como bispo de Bayeux, fez tudo para desacreditar as aparições da Rainha do Santíssimo Rosário em Tilly-sur-Seulles, e atacou a vidente Maria Martel), proibiu em seu diocesano o Segredo de La Salette... Ele até mesmo suprimiu *Le Pèlerin de Marie*, uma pequena revista dedicada à defesa de La Salette. Também foi vítima de morte súbita. Seu rosto foi imediatamente devastado pela putrefação, a ponto de tornar a exposição impossível. Ninguém foi admitido na câmara mortuária: o príncipe da Igreja havia se tornado negro como carvão. Não foi possível fazer a toilette dos mortos. Sua própria irmã foi convidada a se retirar sem ter o visto.
11. Dom Dechelette, bispo de Évreux, outro inimigo de La Salette, teve o mesmo fim que o cardeal Amette.
12. Naquela época, vários bispos e cardeais franceses se destacaram por essa escuridão e putrefação imediata ao falecerem.
13. Dom Bouange, bispo de Langres, inimigo de La Salette: morte súbita.
14. Dom d'Oultremont, bispo do Mans, que em duas ocasiões, na Semana Religiosa de seu diocese, protestou contra o segredo de La Salette: morte súbita e funeral no aniversário da aparição.
15. Dom Lobbedey, bispo de Moulins em 1906, bispo de Arras em 1911. Ele havia dito ao abade Combe que nunca daria o imprimatur a uma Vida da Pastora de La Salette. Morte súbita em 24 de dezembro de 1916. Na véspera, ainda havia realizado uma ordenação.
16. O cônego Frézet, no Bulletin do diocese de Reims, 7 de outubro de 1911 e 25 de maio de 1912, proclamava claramente que o segredo, confiado por Mélanie a Pio IX, nunca saiu do Vaticano, que o amontoado de grosseiras e tolices publicadas sob o título de Segredos de La Salette ou Segredo de Mélanie está no Index e constitui um ultraje ao bom senso... Um leigo, Senhor de la Vauzelle, escreveu carta após carta ao cardeal Luçon, exigindo, como católico, uma resposta às suas perguntas. Em 16 de dezembro de 1912, o reverendo padre Lepidi, mestre do Sacro Palácio, por uma carta ao cardeal Luçon, declara oficialmente que o segredo de La Salette nunca foi condenado pelo Index, nem pelo Santo Ofício. A resposta foi transmitida a Monsieur de la Vauzelle, mas nenhuma retratação foi publicada no Bulletin de Reims, nem nas numerosas Semanas Religiosas que a haviam reproduzido. Em 19 de setembro, às três horas da tarde, começou o bombardeio sistemático da catedral de Reims. O cardeal Luçon teria simplesmente exclamado: “Trata-se de algumas coincidências, entre outras.”

Todos esses exemplos deveriam fazer refletir nossos modernos “negacionistas” do Segredo, abade Ricossa e Belmont à frente. Não se brinca com a Santa Virgem!

---

[2] O histórico desta carta Caterini, bem como sua tradução exata e a falsificada por Mons. Besson, podem ser verificados no folheto "A aparição da Santíssima Virgem Maria na Santa Montanha de La Salette no sábado, 19 de setembro de 1846". Reimpressão simples do Texto integral publicado por Mélanie com o Imprimatur de Sua Excelência Mons. Sauveur-Louis Zola, Bispo de Lecce, em 1879, seguido de algumas peças justificativas. Tudo publicado com o Imprimatur do R.P. Lepidi, O.P, Mestre do Palácio Sagrado, Assistente perpétuo da Congregação do Índice, expedido em Roma em 6 de junho de 1922». Link

[3] Veja as cartas do Abade Berto

[4] Isso obrigou as irmãs de Crézan, grandes devotas de La Salette, a preferirem não ter sacramentos a ter que suportar inimigos de La Salette.

[5] O Abade Paladino, em seu folheto _A Voz_ n° 28/29, destacará o oportunismo do Abade Ricossa:

"Primeiro, nosso artigo não tinha como objetivo demonstrar que o Segredo havia sido aprovado pela Igreja, mas apenas dizer que esse Segredo ilustra a situação atual, como o próprio Abade Ricossa havia escrito na época. Não seria descortês observar que, que de acordo com nosso conhecimento, este último não aderiu à tese de Cassiciacum em 1986, enquanto em 1999 se tornou um de seus principais defensores? No entanto, em 1986 o Abade Ricossa era favorável ao Segredo e desde 1999 é contra. Pode-se legitimamente perguntar se não é a adoção da tese de Guérard que é a verdadeira razão de sua mudança de atitude. É verdade que ele já se defendeu dessa acusação, mas não se pode negar que o Segredo de La Salette realmente não se encaixa muito bem na tese de Cassiciacum."

Vamos notar, por outro lado, o papel subversivo desempenhado pelo diretor do IMBC em outros pontos fundamentais de bloqueio da luta atual pela sobrevivência da Tradição Católica:

1. Ele tentou reabilitar o cardeal luciferiano Rampolla, secretário de Estado de Leão XIII, membro da OTO, que quase sucedeu este último na cadeira de Pedro no conclave de 1903.

2. Ele tentou fazer os fiéis acreditarem que o Apocalipse de São João não se referiria de forma alguma nem à situação atual, nem ao futuro atual da Santa Igreja (teses modernistas e racionalistas do Professor Corsini).

3. E ele persiste em recusar-se a considerar a invalidade radical da nova forma sacramental conciliar “ecumênica”, imposta em 18 de junho de 1968 pela pretensa “Constituição Apostólica” *Pontificalis Romani*.

4. Ele traiu o pensamento de Dom Guérard, que, questionado sobre o valor dos atos de um papa materialiter, foi obrigado a responder: nenhum, o que é evidente e, portanto, concluir que sua tese se extinguia com o tempo!

5. Por outro lado, por que ele não divulga os sermões de Mons. Guérard (assim como a FSSPX que se recusa a divulgar os de Mons. Lefebvre), especialmente aqueles sobre La Salette?

Revision #6
Created 21 July 2024 22:56:43 by Admin
Updated 21 July 2024 23:36:04 by Admin